

Entre Beto Rockefeller e Walter Benjamin: ideias sobre o mundo simbólico da criança

Claudia Santos de Medeiros¹⁸

RESUMO:

Dialogando com os conceitos de Walter Benjamin sobre infância, experiência e brincar, este texto descreve e discute como as crianças se sentem e têm formas peculiares para participar do mundo adulto, por meio de um mundo simbólico.

PALAVRAS-CHAVE: Infância – Mundo simbólico – Experiência coletiva – Brincar – Signos

ABSTRACT

Dialoging with Walter Benjamin's concepts of childhood and experience, this text describes and discusses how children feel and have peculiar ways to participate in the adult's world, through a symbolic one.

KEYWORDS: Childhood – Symbolic world – Collective experience – Playing – Signs

¹⁸ Mestre em Educação Brasileira pela PUC-Rio (2009), Especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio (1996), Pedagoga pela Faculdade Instituto Isabel – CCHS (1993); desde 1997 atua como Assessora Técnica do Serviço Social do Comércio – SESC, Departamento Nacional, na área de Educação Infantil.
TELEFONES: (21) 25762793 / 96353604 / 21365215 **EMAIL:** claudia_guegue@hotmail.com

Entre Beto Rockfeller e Walter Benjamin: ideias sobre o mundo simbólico da criança

Claudia Santos de Medeiros

Abrindo caminho pelo passado, com Beto Rockfeller¹⁹

Quando eu era pequena brincava de ser a namorada do “Beto Rockfeller”, personagem principal de uma novela na TV em preto e branco nos idos dos anos 60’. O ator era o Luis Gustavo. Incrível é que eu não me recordo de quase nada da novela, além do personagem principal, seu carro e aquele clima de novidade no ar. As poucas imagens que me vêm são meio amareladas, como um filme antigo. Será que eu assisti? Será que não, mas tinha conhecimento de sua existência? Bem, o mais importante é que eu era a namorada do “Beto Rockfeller” e éramos apaixonados.

Lembro-me de nossas conversas, da calça branca justa e imaginária que eu vestia para encontrá-lo, da echarpe de minha mãe no meu pescoço, da confiança ao chamá-lo simplesmente de “Beto”, como permite a intimidade entre os namorados. O namoro era supersecreto; eu não tinha coragem de dividir tão especial experiência com os demais moradores da casa.

Encontrávamo-nos por todo o apartamento, sempre tão sem espaço para nós dois. Eu falava baixinho, com medo de ser descoberta vivendo um romance. Às vezes, acho até que só falava com o “Beto” em pensamento, para que não rissem da boba que eu era, ou melhor, me sentia ser. Pelo corredor do apartamento, cheio de portas, caminhava em sua companhia, pensando as palavras que entoavam nossa paixão. Entrava no escritório de meu pai, parede azul claro, sofá de cor azulão com botões brancos, o esconderijo perfeito!

¹⁹ Personagem de novela brasileira de mesmo nome, de Cassiano Gabus Mendes, escrita por Bráulio Pedroso; produzida pela extinta TV Tupi e exibida de 4.nov.1968 a 30.nov.1969.

A força de minhas lembranças é tamanha; consigo escutar, ainda hoje, minha própria voz falando com ele, o “Beto”. Será que era assim mesmo que eu falava ou me escuto assim hoje? Ser adulto é ser como alguém capaz de pensar a vida como se estivesse fora dela, mas não dá para ser assim. Eu fui e sou ainda esta criança apaixonada pelo “Beto Rockefeller”, tal como muitas mulheres naquela época. Não é à toa que um dia assisti pela televisão cenas da novela e pensei, me divertindo, constatando a cafonice de “Beto”. Mas a cafonice, hoje, quem vê são os meus olhos de adulto. Mesmo assim, pude perceber como é ainda poderosa esta imagem, provocando em mim alguns sentimentos, tantos anos depois.

Walter Benjamin, ao falar das imagens do passado, que nos atravessam velozes, *“como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”*²⁰, revela-nos que o passado não é para ser revivido exatamente como ocorreu, mas, sim, pela maneira como ele nos chega hoje, quando podemos ter consciência dele para, então, ressignificá-lo. Vários são os relâmpagos que caem sobre minha cabeça e, a cada clarão, consigo enxergar muito além da criança que eu fui. Este rastro de luz tão longo faz surgir, diante de mim, a criança hoje e seus muitos “Betos Rockefeller”.

Qual seria, então, o problema de uma menina ser apaixonada pelo personagem da novela da TV? Por que não deixá-la ser, viver o que quisesse? No geral, os adultos, ou melhor, todos aqueles que não se consideram mais pessoas de pequena idade, ao olharem para a criança brincando e falando “sozinha”, tendem a menosprezar suas atitudes, colocando-a no lugar daquilo que é puro e sem intenções, tomada como aquela que um dia “virá a ser”, “livre” então deste seu mundo, para eles, fora da realidade, que a faz prisioneira. Percebem-na como um ser inexperiente, bobinho e inocente, fazendo coisas banais, naturais, “coisas de criança”.

Mas, revisitando minha infância, não percebo vestígios de nada que seja do tipo natural, normal, banal, “coisa de criança”, como se diz. Ao contrário, TV, novela,

²⁰ Benjamin, 1994, p. 224.

galã, namoro, calça branca e segredos, são coisas do homem, da cultura. Assim, escapando de uma ideia de fatalidade histórica, como se nada pudesse fazer, sem esperar pelo futuro salvador, sendo sujeito no e do presente, lá vai a criança cheia de segredos e esforços gigantescos, tornar-se parte do mundo, surpreendendo-nos, na iminência do aparecimento de uma nova imagem sua diante do espelho.

A criança sobre a qual falarei é aquela que está na história, move-se com esforço por entre os “desfiladeiros” do mundo adulto. Para Benjamin, ela pode representar um alguém que, agindo e pensando de forma peculiar, seria uma outra possibilidade de compreensão da modernidade. Apesar deste ponto, tão crucial em seus trabalhos nos quais a infância convida a colocarmo-nos num outro lugar, este texto tentará trazer para a discussão um olhar sobre a prática simbólica infantil como uma das principais maneiras pelas quais a criança se aproxima do mundo adulto, da realidade, em meio a outro plano, o simbólico.

Em cena, experiência e jogo simbólico

“os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos,
que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas.
A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor,
mas também moinho de vento e trem.”
(Walter Benjamin)

A partir da modernidade, o conceito de infância surge não muito diferente de como o concebemos hoje, ou seja, basicamente a criança como um ser diferente do adulto²¹. Na perspectiva do mundo capitalista, as atividades não produtivas da criança, o brincar, por exemplo, já corroborava o sentido de sua dependência e perda da condição de autonomia. As experiências infantis, aos olhos do adulto ainda hoje, são vistas como pouco importantes, como se estivesse alheios àquelas, a criança tomada como um “outro”. Não participar das histórias da criança seria o mesmo que, primeiramente, nelas não se reconhecer, como se as experiências vividas em sua própria infância tivessem sido apagadas.

²¹ Não pretendo aqui discorrer sobre as diferentes concepções de infância construídas ao longo da história. Somente quero demarcar que, antes da era moderna, as crianças faziam parte do mundo adulto “naturalmente” – meninos em rodas de jogos e meninas em trabalhos domésticos, por exemplo.

Benjamin trata destas experiências trazendo-as para uma outra dimensão, a da história, indo muito além de uma perspectiva meramente psicológica, do ser em seu mundinho particular²². A criança, ao entrar em contato com o mundo, seja naquele ou neste momento, está sempre se fazendo parte da história, navegando no barco de sua vida cada hora numa direção, de acordo com os objetos e situações ao seu redor, com o leme nas mãos. Dessa maneira, pode descobrir e viver experiências muito diferentes das que os adultos experimentam.

Sobre o conceito de “experiência”, este autor apresenta-o como uma “máscara” do adulto, *“inexpressiva, impenetrável, sempre igual. Esse adulto já experimentou tudo (...). Talvez ele tenha razão. O que podemos contestar-lhes? (...). Mas vamos tentar agora tirar essa máscara. O que experimentou esse adulto? O que pretende provar-nos?”*²³. Assim, segue a experiência na tentativa de colocar sua máscara também sobre a face da criança, como se todos, sem exceção, não tivéssemos saída para um outro tipo de experiência que não o da produção em série, da venda enlouquecida, da rara criação, da crítica esquecida, da tristeza e da desesperança.

Contra este determinismo, do qual nem a criança parece poder escapar, Benjamin nos coloca à frente o desafio de se repensar a experiência como algo que não pode nos privar da vontade da busca pela verdade, lembrando que a vida ao ser vivida, pode redimir os oprimidos de ontem, abrindo novos caminhos para os que aqui estão hoje. Eis uma porta para a emancipação.

O conceito de experiência como máscara, me leva para uma ideia de criança capaz de viver uma vida inteira a cada segundo, seja num jogo de bola, na perseguição de uma formiga, na conversa com um amigo, no aconchego do colo, catando lixo. Ela, geralmente, tenta dar um jeito de fazer daquilo uma atividade onde encontre um sentido, um significado, alguma sombra em que possa se sentar e aliviar-se do calor. Eu diria que isso pode ser chamado de prazer de conhecer, coisa que nós adultos, com o tempo, vamos nos esquecendo de como fazê-lo. É nessa

²² Kramer, 2006, p. 51.

²³ Benjamin, 1984, p. 23.

busca de significados como, por exemplo, para uma novela e seus reflexos no cotidiano de uma família e/ou de uma comunidade, que a criança torna-se a namorada do personagem principal, levando-o consigo para dentro de seu mundo simbólico. *“Pois cada uma de nossas experiências possui efetivamente um conteúdo, conteúdo que ela recebe de nosso próprio espírito”*²⁴.

Mas que mundo simbólico é esse, no qual a criança se esconde e se mantém segura, revivendo suas experiências pessoais, ou de outras pessoas, ou de tudo mais que cruza seu caminho? Apesar de ser um lugar só dela, construído por ela, não foi sozinha que o fez.

Ao penetrar nos espaços de sua casa, nas histórias, nos filmes, nas florestas, nos desertos ou nas novelas, por onde quer que vá, consegue se transformar, ora em parte, ora em todo, nas formas e cores daquilo que a circunda, “camaleoa”, invisível aos olhos adultos. Todas estas imagens, na verdade signos que vão compondo seu mundo simbólico, nascem e migram do mundo real. Logo, aquele mundo é também o real, pois é nele que a criança pode ser tudo aquilo que precisa compreender e, quando o faz, incorpora-o para imediatamente modificá-lo, sempre que for preciso. Entretanto, cabe destacar o cuidado em não idealizá-la, como se fosse capaz de construir algo novo diante dos dilemas e situações com as quais se depara. A criança procura compreender o mundo, mas isso não significa que consiga “escapar” dos entraves, violências etc.

Esta busca incessante pelo significado requer, da criança, a percepção de semelhanças entre as coisas, o que para Benjamin, não é algo que seja finito, pois nada permanece no tempo da mesma forma que um dia o foi. A criança, contudo, é capaz de recriar tais experiências, como se fosse a “primeira”²⁵ a desenvolvê-las. Sua capacidade é a de reconhecer, produzir e reproduzir comportamentos, objetos em meio a semelhanças. *“(…) não é ‘fazer como se’, mas ‘fazer sempre de novo’”*²⁶. E, se há ali um sujeito capaz de ir muito além da mera imitação, isso representa

²⁴ Benjamin, 1984, p. 24.

²⁵ Também em Vygotsky a criança aparece como uma “inauguradora” de signos, já que com eles opera como se fosse a “primeira” vez que existissem.

²⁶ Benjamin, 1994, p.253..

possibilidades de desvio, logo, esta percepção de semelhanças pode ser consciente. Mas há outras semelhanças que também podem invadir as crianças sem que reconheçam de imediato, e, estas sim, ocupando a maior parte de seu ser. Como cada coisa tem sua própria linguagem, e essa linguagem carrega sempre consigo o poder de uma ou mais imagens que, por sua vez, ganham vida dentro de nós. Os sujeitos estão imersos numa experiência coletiva, mesmo que não se percebam assim.

A criança, com a diferença de que sempre segue (embora nem sempre consiga) pelo caminho do ser e saber tudo sem perder nada, sai em busca da construção de significados, vivendo em meio ao seu próprio mundo simbólico. Firma seus espaços no mundo exterior, do qual também faz parte. Pode ser que nunca tenha visto um tubarão de verdade nem numa fotografia, mas já construiu uma imagem diante da fala de alguém que já o tenha visto (de verdade ou de mentira, que seja), e sai nadando como um, exagerando em cada braçada, abrindo a boca o mais que pode, mordendo a tudo e a todos, sendo tubarão para sempre naquele agora. Essa pode ser uma das respostas para a questão colocada por Benjamin, sobre qual seria a utilidade para a criança do adestramento da atitude mimética: compreender – utilizando-se de e construindo outras semelhanças – as coisas do mundo, tornando-se parte deste mesmo mundo, pois, *“trata-se também de saborear repetidamente, do modo mais intenso, as mesmas vitórias e triunfos”*²⁷.

Penso na relação que a criança estabelece entre ela e a “coisa”. Nada é mais importante naquele momento. Não perde um detalhe, transforma-a em outra “coisa”, suga todo o conteúdo do copo até fazer barulho com o canudo. Um pedacinho de pau vira bisturi e depois varinha de condão; uma imagem de TV vira “Beto Rockefeller, meu namorado”. Não é à toa que brincam sem parar, com qualquer grampinho, até mesmo com aquele brinquedo que basta ligar para que ele brinque sozinho e a gente só possa ficar olhando para não quebrar. Fascinada pelo “lixo da história”, reconstrói as ruínas de sua sociedade, na medida em que se faz parte destas, revelando-nos uma realidade sempre provisória. *“Nesses restos que*

²⁷ Benjamin, 1994, p. 253.

*sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas*²⁸.

O refúgio da criança não está num quarto, está no mundo simbólico no qual, a salvo sente-se, enfim, segura para poder criar suas próprias regras e controlar as ações dos adultos e de seus objetos do desejo. Pensa e age criando e recriando seus próprios personagens, trazidos do real onde se insere para viver e experimentar tudo aquilo que, embora no plano da fantasia, revele a própria realidade. Nenhum de nós está protegido de suas flechadas certeiras, de seus olhares irônicos, de seus ataques, de seus golpes de sedução. A criança, ao fazer suas próprias leituras, não sai nunca de “mãos vazias” de seu mundo simbólico. Seus questionamentos e ações, ao mesmo tempo em que a conecta com aquelas semelhanças sutis e imperceptíveis à consciência, também podem libertá-la para viver um outro presente que não mais é reta final de um passado, nem mesmo o ponto certo de partida para o futuro. A criança, ao contrário de nós adultos, que brincamos para nos afastar da realidade, ao brincar, se aproxima cada vez mais desta.

Por detrás da porta: signos e a experiência da infância

*“(...) o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo.”
(Walter Benjamin)*

Benjamin, ao nos apresentar sua ideia de infância, mostra que é preciso reconhecê-la como um momento em que o indivíduo, social e cultural, luta pelos espaços que fazem parte da sua história e de seu grupo social. Para ele, a criança está cada vez mais longe da idealização e mais próxima do homem real, como registra em seus “Extratos”²⁹, misturando-a aos heróis de seus livros, apresentando-

²⁸ Benjamin, 1984, p.77.

²⁹ Benjamin, 1984, p. 77-81.

a como alma penada que entra na classe para não mais ser vista, comparando-a aos braços dos amantes na hora em que encontra seu doce favorito, deixando-a voar em seu cavalo, permitindo-lhe colecionar as pedras do caminho, ao viajar pelos selos como Vasco da Gama. Em todas estas performances, ela nos deixa a oportunidade de redenção do mal-estar da cultura adulta³⁰. Numa outra forma de ver a criança, sem infantilizá-la, embora reconhecendo suas especificidades, este autor nos permite enxergar o seu poder de subverter a ordem das coisas, criando imagens, vivendo com elas, descobrindo semelhanças a sua vontade e necessidade de romper com as tradições e demais convenções. O autor afirma que nós, seres humanos, o Homem, é quem somos capazes de produzir semelhanças, reelaborar comportamentos, ações, significados.

Pensar que existe um mundo simbólico, no qual a criança penetra e cerra a pesada porta de madeira maciça atrás de si, impedindo-nos o acesso, já é uma maneira de compreendê-la indivíduo em emancipação, sujeito de sua própria história. Contudo, conforme já citado neste trabalho, esta porta não foi talhada por apenas um único marceneiro, mas muitos. *“O mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com suas brincadeiras”*³¹. Se observarmos as formas e as figuras que compõem sua face externa, encontraremos algumas pistas para saber o que se passa em seu lado de dentro.

Inspirada em Kramer³² dialogo a seguir com alguns fragmentos daquele texto de Benjamin, procurando identificar as formas que surgem na frente da porta da infância:

Criança que lê. (...) A criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o inefável, e quando ela se levanta está envolta pela nevasca que sopra da leitura (Benjamin, 1984, p. 78).

³⁰ Bolle, In Benjamin, 1984, p. 16.

³¹ Benjamin, 1994, p.250.

³² Kramer, 1996.

Entrando na neve, junto com os personagens da história, vai se tornando o outro em seu próprio eu, refazendo sua própria história, incorporando tantas formas de sentir e viver.

Criança que anda de carrossel. (...) A princípio ela tem medo de abandonar a mãe. (...) Mas depois ela se dá conta de como ela própria é fiel. Ela reina como fiel soberano sobre um mundo que lhe pertence. (...) Seu animal lhe é dócil: (...). A música toca mais devagar, o espaço começa a vacilar (...). O carrossel vira um terreno inseguro. E surge a mãe, estaca solidamente cravada no chão sobre a qual a criança que aterriza lança as amarras de seus olhares (Benjamin, 1984, p. 79).

Em seu cavalo a criança se lança no mundo da fantasia, deixando-se levar, simplesmente, pelo prazer de ir. Pelo mundo simbólico também vive a infância, soltando-se do mundo adulto.

Criança desordeira. Toda pedra que ela encontra, toda flor colhida e toda borboleta apanhada é para ela já o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui representa-lhe uma única coleção. (...); acontece-lhe de tudo, pensa a criança, tudo lhe sobrevém, tudo a acossa. (...) Há muito tempo que a criança ajuda no guarda-roupa da mãe, na biblioteca do pai – no próprio terreno, contudo, continua sendo o hóspede mais seguro e irascível (Idem, p. 79 e 80).

Pelos objetos que coleciona, pela maneira como os investiga e cataloga, a criança está no papel de criadora de cultura. Sua paixão pela vida que quer viver a coloca na pele do pesquisador, do alquimista e do bruxo, abrindo caminho para entender os mistérios do mundo.

Criança escondida. Já conhece todos os esconderijos da casa e retorna para eles como a um lugar onde se está seguro de encontrar tudo como antes. O coração palpita, ela prende a respiração. Aqui a criança está refugiada no mundo material. (...) Atrás do cortinado, a criança transforma-se, ela mesma e, algo branco e que sopra como o vento, converte-se em fantasma. (...) E por detrás de uma porta ela própria é porta, carrega-a consigo como uma pesada máscara e enfeitiçará, como um sacerdote mágico, todas as pessoas que entrarem desprevenidas. (...) A casa é o arsenal das máscaras. (...) (Benjamin, 1984, p. 80).

Tentando dominar os espaços físicos, a criança coloca-se no lugar de seus objetos, procurando apreender cada uma de suas características. Para tanto, precisa dar vida à dureza da madeira e à maciez da cortina, deixando seu corpo sê-lo.

Filatelia. (...) Quando ela vê o cisne nos selos australianos, então só pode ser o

cisne negro, que existe somente na Austrália e desliza aqui sobre as águas de um lago como sobre o oceano sereno. Selos são os cartões de visita que as grandes nações deixam no quarto de crianças. Como Gulliver, a criança percorre países e povos de seus selos. (...) Ela participa de seus negócios, presencia suas purpúreas assembléias populares, observa a partida de seus pequenos navios e comemora jubileus com suas cabeças coroadas que reinam atrás de sebes (Idem, p.80 e 90).

Reconhecendo e se entregando à força que um selo tem de chegar aos lugares mais longínquos, a criança simbolicamente viaja com ele. Indo com os seres e demais pessoas que se revelam por suas imagens, torna-se parte do mundo, na espreita do que dele se pode revelar.

Partindo das observações de Benjamin sobre objetos que podem compor esse universo, na porta de meu mundo simbólico, por exemplo, tem esculpida a imagem cafona (hoje) de “Beto Rockfeller”, que me chegou pelo objeto da TV. Mas, poderia também ter sido por meio de outros, como brinquedos, livros de histórias, selos, móveis, cortinas, insetos, flores, pedras, carrossel, cactos, moedas antigas. Este autor nos permite perceber a criança sempre no papel de sujeito, agindo e vivenciando experiências das mais variadas, repetindo-as incessantemente, sublimando o próprio estado físico dos objetos, incorporando cada um ao seu patrimônio pessoal.

Em todos esses textos, o objeto que se talha na porta, é tal como o novelo de linha vermelha de Teseu, ao lançar-se no labirinto do Minotauro: é por ele que se pode arriscar a entrar e sair, sempre que se quiser. Assim, ao tornar-se colecionadora, cientista, filatelista, caçadora, fantasma ou amazona, cada objeto que encontra constitui-se senha para a entrada no mundo simbólico, mimetizando-se, pois como nos livros, *“não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança, que as contempla – a própria criança penetra-as no momento da contemplação, como nuvem que se sacia com o esplendor colorido desse mundo pictórico”*³³.

Em seu cavalo no carrossel, deixa-se levar depois do primeiro medo de lançar-se, sem mais o receio de, a cada volta, não retornar ao colo de sua mãe quando a

³³ Benjamin, 1984, p. 55.

música cessar e o piso deixar de girar. Enquanto nós adultos nos perdemos nas experiências do passado, como se elas só pudessem ser revividas exatamente da forma como aconteceram, a criança sobe novamente no carrossel, abrindo suas asas, tal como o anjo da história de Benjamin, mas não se deixando levar totalmente pelos ventos que sopram, conseguindo deter-se para recolher os fragmentos da história que passam por debaixo de seus pés, construindo com eles algo novo. E, assim, vai esculpindo mais e mais figuras na porta de seu mundo simbólico, por meio do qual, vive o presente para entender, fazer e tomar parte deste mesmo presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

_____. Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. In BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

KONDER, Leandro. Walter Benjamin: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KRAMER, Sonia. Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.